

Um alerta sobre a dívida externa

Relatório do Bird adverte sobre possibilidade de o Brasil renegociar seus débitos

José Meirelles Passos

Correspondente • WASHINGTON

Um novo estudo do Banco Mundial (Bird), divulgado ontem e já levando em conta o impacto dos recentes atentados terroristas contra os Estados Unidos na economia mundial, registra a possibilidade de o Brasil vir a ter de renegociar a sua dívida externa, a exemplo da Argentina. O informe "Perspectivas Econômicas Globais e os Países em Desenvolvimento" menciona alguns aspectos que teriam "reduzido a capacidade desses países (Argentina e Brasil) de rolar a dívida". E acrescenta que as eleições presidenciais de 2002 se-

riam outro fator que contribui para a percepção de que a reestruturação do débito seja necessária.

— O banco em momento algum afirma que o Brasil terá de fazer isso. O que está registrado no informe é uma opinião do mercado — disse ao GLOBO uma porta-voz daquele organismo, no fim da tarde de ontem.

O informe diz que os atentados terroristas reduziram ainda mais as perspectivas de crescimento da economia global, prevendo para a América Latina um índice de apenas 0,9% este ano, contra 3,8% em 2000 "e cerca de 2,8 pontos percentuais a menos do que se previa há seis meses". O índice para o Brasil deverá ser de 1,4% em 2001, contra

4,4% no ano passado.

O documento diz que, na região, a Argentina e o Brasil são os países que provavelmente mais sofrerão "com os distúrbios nos mercados de capital, se eles se prolongarem", do que com os impactos comerciais diretos, devido à maior fragilidade da atividade global. Segundo o Bird, essa situação é um reflexo da alta dívida pública e privada e os grandes déficits de conta corrente — "quase 3% do PIB para a Argentina, e cerca de 5% para o Brasil".

O informe registra que embora a redução dos juros nos EUA aliviarão os pagamentos do serviço da dívida, "as percepções de risco permanecem elevadas, em parte devido à opinião de que possa ser necessária uma reestruturação da dívida, como aconteceu no Equador em 1999". Tais percepções, segundo o Bird, "mantiveram os fluxos de mercados de capital diminuídos, reduzindo a capacidade desses países (Argentina e Brasil) de rolar a dívida".

Para os economistas do Bird, no caso da Argentina esses fatores provavelmente farão com que a recuperação econômica do país seja modesta. "No caso do Brasil, o contágio dos eventos na Argentina — apesar do pacote de US\$ 15,58 bilhões encabeçado pelo FMI — está reduzindo o espaço para políticas contracíclicas", diz o documento do Bird.

Risco de contágio não seria tão grave

• O capítulo específico sobre a situação latino-americana abre dizendo que a perspectiva de crescimento para a região este ano "foi muito pior do que se havia previsto na primavera deste ano" no Hemisfério Norte, ou seja, há seis meses. E diz que a desaceleração do crescimento foi "mais agudo nos 'Três Grandes (Argentina, Brasil e México)', refletindo o crescente impacto da de-

saceleração global e, em particular, a dos EUA, além das dificuldades econômicas da Argentina e a crise de energia no Brasil.

"Incertezas relacionadas ao processo eleitoral na Argentina este ano, e na Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica e Equador, no ano que vem, contribuíram para a queda das taxas de investimentos em alguns países", diz o trecho seguinte do perfil da região. O Bird lembra que o Brasil teve que "apertar tanto a sua política fiscal quanto a monetária para neutralizar os efeitos negativos combinados da crise de energia e de uma grande redução de injeções de investimentos diretos, e o contágio da crise Argentina".

Curiosamente, ao apresentar o documento, o vice-presidente e economista-chefe do Bird, Nick Stern, sugeriu que o risco de contágio não seria tão grave. Ele disse que acredita que os investidores estão melhor informados e sendo mais cuidadosos, sabendo distinguir um país de outro.